

SAÚDE MENTAL COMPANHAMENTO PASTORAL NO CONTEXTO DE CRISES HUMANITÁRIAS

*Cuidado e esperança
num espírito de fraternidade*



SAÚDE MENTAL E ACOMPANHAMENTO PASTORAL NO CONTEXTO DE CRISES HUMANITÁRIAS

*Cuidado e esperança
num espírito de fraternidade*



Promovido por:

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
INSTITUTO INTERNACIONAL DE MIGRAÇÃO SCALABRINI

Em colaboração com:

Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral

Informação editorial

Saúde mental e acompanhamento pastoral no contexto de crises humanitárias:
Cuidado e esperança num espírito de fraternidade

Promovido por:

Universidade Católica Portuguesa
Instituto Internacional de Migração Scalabrini

Em colaboração com:

Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral

Referência bibliográfica sugerida

Saúde mental e acompanhamento pastoral no contexto de crises humanitárias:
Cuidado e esperança num espírito de fraternidade. 2026.

SÍNTESE

INTRODUÇÃO	9
1. Criar espaços de confiança e segurança	13
2. Escuta e acompanhamento	15
3. Reforçar os vínculos comunitários e o sentimento de pertença	17
4. O bem-estar mental assenta nas relações	19
5. Reconstruir o sentido e cultivar a esperança	21
6. Reconhecer e cultivar a resiliência	23
7. Cuidar com conhecimento e discernimento	25
8. Acompanhar pessoas com problemas graves de saúde mental e as suas famílias	27
9. Promover o apoio mútuo entre cuidadores	29
CONCLUSÕES	31

O ser humano desenvolve-se quando cresce no espírito, quando a sua alma se conhece a si mesma e às verdades que Deus nela inscreveu no mais íntimo, quando entra em diálogo consigo mesmo e com o seu Criador. Quando está longe de Deus, o ser humano sente-se inquieto e sem paz. A alienação social e psicológica e as muitas neuroses que afligem as sociedades prósperas devem-se, em parte, a fatores de ordem espiritual. [...] O vazio em que a alma se sente abandonada, apesar da existência de inúmeras terapias para o corpo e para a psique, é fonte de sofrimento. Não pode haver desenvolvimento integral nem bem comum universal se não se tiver em conta o bem espiritual e moral das pessoas, consideradas na sua totalidade de corpo e alma.

Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), 76

O individualismo da nossa era pós-moderna e globalizada favorece um estilo de vida que enfraquece o desenvolvimento e a estabilidade das relações pessoais e desvirtua os laços familiares. A ação pastoral deve tornar mais evidente que a nossa relação com o Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e reforça os vínculos interpessoais. No nosso mundo, especialmente em alguns países, ressurgem diferentes formas de guerra e de conflito, mas nós, cristãos, permanecemos firmes no propósito de respeitar os outros, curar as feridas, construir pontes, estreitar relações e «carregar os fardos uns dos outros» (Gal 6,2).

Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), 67

«Criada para a relação, cada pessoa humana é concebida e querida por Deus para entrar em comunhão com Ele, com os outros e com a criação. A dignidade humana não depende das capacidades, da riqueza ou da posição de uma pessoa na vida, nem das escolhas certas ou erradas que tenha feito; é, antes, um dom que precede e transcende cada pessoa, concedido por Deus como expressão do seu amor infalível. Por esta razão, a pessoa humana permanece sempre o “caminho da Igreja” e o centro de todo o percurso autêntico de desenvolvimento humano integral.»

Leão XIV, Carta Encíclica *Magnifica Humanitas* (15 de maio de 2026), 50

Agradecimentos

Este Guia é fruto de um percurso partilhado de escuta, reflexão e discernimento. Assenta em consultas a bispos, membros do clero, religiosos, agentes pastorais, organizações humanitárias católicas e profissionais que acompanham comunidades afetadas por emergências humanitárias e situações de adversidade prolongada. As suas experiências, questões e reflexões contribuíram para a visão e os percursos pastorais apresentados nestas páginas. Expressamos a nossa sincera gratidão a todos os que partilharam o seu tempo, a sua experiência e a sua sabedoria, e, em especial, às comunidades cujas vidas e testemunhos continuam a mostrar o que o acompanhamento, o cuidado e a esperança podem significar no meio do sofrimento.

Elaboração e coordenação

A elaboração deste Guia foi conduzida e coordenada por Marcio Gagliato, Peter Hanenberg, Aldo Skoda, com contributos de Joseph Jeyaraj Swaminathan, Cristina Castelli, Francesca Giordano, George Ehusani para o seu desenvolvimento teológico, pastoral e técnico.

Revisão e contributos

Agradecemos a todos os que reviram as sucessivas versões do documento e contribuíram com perspetivas teológicas, pastorais, humanitárias e de saúde mental que ajudaram a enriquecer o seu conteúdo.

Organizações participantes

O processo beneficiou da participação, da experiência e das perspetivas de representantes das seguintes organizações: Irmãos da Caridade – Ruanda; Serviço Camilliano Internacional de Desastres (CADIS), Padres e Irmãos Camillianos; Cáritas Maiduguri – Nigéria; Cáritas Polónia; Serviços Católicos de Ajuda (CRS); Ordem dos Frades Menores (OFM) – Itália; Comissão Católica Internacional para as Migrações (ICMC); Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS); Fundação de Liderança Lux Terra – Nigéria; Médicos com África CUAMM; Ordem Soberana de Malta; Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor; Sociedade Salesiana de São João Bosco; Irmãs Missionárias Scalabrinianas – África do Sul; e Irmãs Missionárias de Nossa Senhora de África.

INTRODUÇÃO

O mundo de hoje é marcado por realidades humanitárias prolongadas, sobrepostas e persistentes¹. Os conflitos armados e a instabilidade política, a deslocação forçada e a migração, a pobreza e a desigualdade, bem como as perturbações ambientais e climáticas, cruzam-se de diferentes formas e em diferentes contextos. O Papa Leão XIV tem-se referido às crises contemporâneas como «realidades persistentes»,² salientando os conflitos prolongados, a insegurança crónica, a instabilidade económica e a crescente vulnerabilidade climática.

Estas realidades desenrolam-se num mundo de extraordinária riqueza e capacidade, mas marcado por profundas desigualdades, pelo enfraquecimento da solidariedade e da cooperação e por uma crescente normalização da violência e da exclusão. As decisões políticas, o exercício do poder e a distribuição dos recursos fazem parte desta realidade.

E é no quotidiano da vida humana que estas realidades são vividas de forma mais concreta. Para alguns, fazem já parte da vida diária; para outros, constituem uma ameaça imediata ou crescente. Persistindo frequentemente ao longo de muitos anos e, por vezes, de várias gerações, afetam as condições em que as pessoas vivem, criam os filhos, cuidam umas das outras, mantêm as suas relações e a vida comunitária e imaginam o futuro.

A Igreja vive nestas mesmas realidades. As suas comunidades locais fazem parte dos lugares e das histórias em que elas se desenrolam, e aqueles que acompanham os outros vivem, muitas vezes, a mesma incerteza, as mesmas perdas e as mesmas ruturas. A Igreja «caminha ao lado da humanidade» e, assim, é chamada a escutar, acompanhar e servir nas realidades concretas que as pessoas vivem.³ A sua vocação é permanecer próxima das pessoas, com cuidado, presença e fraternidade.

¹ Neste Guia, a expressão «contextos humanitários» refere-se, em sentido amplo, a situações em que os conflitos, a violência, a deslocação, a instabilidade política ou económica, as perturbações ambientais e climáticas ou outras formas de adversidade aguda ou prolongada afetam gravemente a segurança das pessoas, as suas condições de vida, as suas relações, as suas comunidades e o acesso a apoio essencial. Estas realidades podem surgir subitamente ou persistir durante longos períodos e, muitas vezes, sobrepõem-se.

² Leão XIV, Discurso ao Conselho Executivo do Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas, 22 de junho de 2026.

³ Leão XIV, Carta Encíclica Magnifica Humanitas (15 de maio de 2026), 18–19.

No centro desta presença está a pessoa. A pessoa humana permanece sempre o «caminho da Igreja».⁴ Diante de nós está uma pessoa cuja vida não pode ser reduzida ao que lhe aconteceu, nem ao que fez. Cada vida humana é querida, criada e amada por Deus. A dignidade humana não se conquista nem se perde. Criada para a relação, a pessoa humana vive através de vínculos de pertença, cuidado e responsabilidade, numa vida sempre partilhada com os outros. A vulnerabilidade e os limites fazem parte desta condição humana. Não tornam uma pessoa menos humana, nem esgotam as possibilidades que subsistem na sua vida.

Nestas realidades humanitárias, a saúde mental tem-se tornado uma preocupação cada vez mais presente na vida das pessoas, das famílias e das comunidades, bem como na experiência quotidiana de quem as acompanha. Os agentes pastorais deparam-se com o luto, o medo, a desorientação, o isolamento e formas de sofrimento que podem ser prolongadas ou profundas. Deparam-se também com os efeitos de relações interrompidas, de um sentimento de pertença enfraquecido e da perda de fontes familiares de sentido e apoio. Raramente as pessoas enfrentam estas experiências sozinhas. Elas desenrolam-se no seio das famílias e das comunidades, através de relações que podem, também elas, estar sob pressão, mas que podem continuar a ser importantes fontes de cuidado, ligação e apoio.

Esta mesma realidade humana também não se deixa descrever apenas pelo sofrimento. Mesmo em situações de profunda adversidade, as pessoas continuam a cuidar umas das outras, a manter relações, a fazer escolhas, a preservar formas de vida comunitária e a procurar caminhos para o futuro. Isto não diminui o peso do que estão a viver, nem implica que o sofrimento tenha de gerar crescimento. Reflete simplesmente a plenitude da pessoa, já afirmada acima, e as capacidades humanas que podem subsistir mesmo quando tanto foi perturbado ou perdido.

É nesta realidade humana que este Guia fala de saúde mental⁵. O termo refere-se aqui à vida psicológica e emocional da pessoa, tal como se desenvolve e é

⁴ *Ibid.*, 50.

⁵ A utilização do termo «saúde mental» neste Guia assenta num conjunto interdisciplinar de conhecimentos e evidências que orienta a compreensão e os cuidados atuais, incluindo a atenção aos problemas de saúde mental, aos contextos relacionais, sociais e de desenvolvimento em que a saúde mental é vivida e às capacidades e aos recursos através dos quais as pessoas respondem à adversidade. Cf. Organização Mundial da Saúde, Relatório Mundial de Saúde Mental: Transformar a Saúde Mental para Todos (Genebra: OMS, 2022). Estas perspetivas são acolhidas à luz da antropologia cristã, na qual a vida psicológica e emocional faz parte da realidade mais ampla da pessoa humana, de dignidade irredutível e natureza relacional, e de uma vida vivida em relação com os outros, com a criação e com Deus, que nunca se reduz à vulnerabilidade ou ao sofrimento. Cf. Leão XIV, Magnifica Humanitas (2026), §§23–24, 48–53, 118–122.

vivida ao longo do tempo, inseparável das relações, da vida familiar e comunitária e das condições sociais, materiais e ambientais em que as pessoas crescem, vivem e enfrentam a adversidade. Inclui experiências de sofrimento e problemas de saúde mental, sem deixar de atender às capacidades, às relações e às fontes de apoio através das quais as pessoas continuam a cuidar, a agir, a adaptar-se e a participar na vida, mesmo em situações de sofrimento persistente.

Escuta e discernimento

Em 2024, em resposta às preocupações manifestadas por bispos, membros do clero e outros intervenientes humanitários e pastorais quanto aos desafios de saúde mental que observavam nas pessoas e nas comunidades e à sobrecarga de quem as acompanhava, o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral promoveu uma série de consultas com Igrejas locais, organizações católicas, congregações religiosas e outros intervenientes envolvidos no trabalho pastoral e humanitário em diferentes partes do mundo.

Nas consultas, os participantes foram convidados a partilhar o que observavam e viviam nos seus próprios contextos. Falaram de luto, exaustão e formas de sofrimento muitas vezes difíceis de nomear ou de abordar, mas também de perseverança, solidariedade e das muitas formas pelas quais as pessoas continuavam a apoiar-se mutuamente. As suas reflexões salientaram a importância da família e da comunidade, da fé e da vida espiritual, das práticas culturais e das formas quotidianas de cuidado; as necessidades das pessoas com problemas de saúde mental mais complexos; e a experiência dos próprios agentes pastorais, muitos dos quais acompanhavam os outros enquanto viviam a mesma incerteza, as mesmas perdas e as mesmas ruturas. Descreveram também práticas já presentes nas comunidades: criar confiança, escutar e permanecer próximos, reforçar o sentimento de pertença, preservar o sentido e a esperança, reconhecer capacidades e fontes de apoio e estabelecer ligações com outras formas de cuidado quando necessário.

No seu conjunto, estes contributos não ofereceram um modelo único a aplicar em todos os contextos, mas um rico acervo de experiências pastorais vividas, a partir do qual foi possível discernir orientações comuns. Foram posteriormente reunidos num processo de síntese, reflexão teológica e antropológica, novas consultas e revisão. O presente Guia assenta neste processo, articulando a experiência vivida com a Doutrina Social da Igreja e com conhecimentos e práticas relevantes do domínio da saúde mental.

Os nove percursos que se seguem reúnem as principais reflexões que emergiram deste processo de escuta e discernimento. Destinam-se aos membros do

clero, aos religiosos, aos agentes pastorais leigos e a outras pessoas envolvidas no acompanhamento direto em contextos humanitários, não como uma sequência fixa ou um modelo a aplicar uniformemente, mas como pontos interligados a interpretar com atenção a cada pessoa, comunidade e contexto. Em conjunto, procuram apoiar uma forma de acompanhamento assente na proximidade humana, sustentada pelo conhecimento e atenta à dignidade, às relações, às capacidades e às esperanças já presentes na vida das pessoas acompanhadas.

1 Criar espaços de confiança e segurança

Em contextos humanitários, criar condições de confiança e segurança constitui, muitas vezes, a primeira base do acompanhamento pastoral. A segurança tem dimensões concretas – físicas, emocionais, relacionais e espirituais – e começa pela proteção contra a violência e pelo acesso a abrigo, alimentos, água e outros bens essenciais à vida. Quando estas condições não existem, o medo, a insegurança e o sentimento de abandono podem agravar-se. Contudo, em muitos contextos marcados por conflitos em curso, deslocações ou violência oculta, nem sempre é possível garantir uma segurança plena. Nestas situações, o cuidado pastoral procura promover espaços onde as pessoas sejam acolhidas e tratadas com dignidade, onde a confiança possa crescer mesmo em condições de fragilidade e onde a presença da Igreja se torne um sinal de que ninguém é esquecido ou abandonado.

Quando a violência, a deslocação e a incerteza fraturam os vínculos de pertença, as comunidades precisam de lugares onde as feridas possam ser reconhecidas sem medo e onde a vulnerabilidade seja acolhida sem julgamento. Estes espaços assentam na convicção de que «construir o bem comum significa aceitar os limites e a fragilidade da humanidade sem os considerar um erro a corrigir».⁶

O cuidado começa por oferecer uma presença, uma presença perseverante e humilde, que convida à confiança pela simples fidelidade e pelo compromisso. Escuta antes de falar, acompanha antes de explicar. Em muitas comunidades feridas, as experiências de sofrimento são envoltas em silêncio e estigma – sobretudo quando a saúde mental é afetada. Criar espaços de segurança significa romper este silêncio com delicadeza, permitindo que a dor seja expressa e a dignidade salvaguardada. Significa prestar atenção àqueles cujas circunstâncias podem colocá-los em maior risco de sofrer danos, exclusão ou negligência. As pessoas abrangidas serão diferentes de uma situação para outra e poderão incluir, por exemplo, pessoas afetadas pela deslocação, pela violência, pela discri-

⁶ Leão XIV, Carta Encíclica Magnifica Humanitas (15 de maio de 2026), 12.

minação, pela deficiência, pela pobreza, pelo isolamento ou por outras formas de marginalização.

Construir confiança é uma tarefa paciente e delicada. Não pode ser apressada. A confiança cresce lentamente, através da coerência, da compaixão e de um profundo respeito pelo espaço de cada pessoa. Um espaço de confiança é aquele onde ninguém precisa de esconder o que está a viver por medo ou vergonha e ninguém é pressionado a revelá-lo, onde as questões de fé e de sentido são acolhidas sem receio e onde o sofrimento de ninguém é tratado como motivo de vergonha. Nestes espaços, a Igreja pode ser um lugar de proximidade humana e de ternura, onde a cura começa não pelas respostas, mas pela presença partilhada.

2 Escuta e acompanhamento

A escuta é uma das formas de cuidado mais poderosas, mas também mais descuradas. Em contextos humanitários, onde o medo, o luto e a desorientação tantas vezes impedem as palavras, o simples ato de escutar torna-se um ato de cura. Cria um espaço onde a dor pode ser nomeada sem medo, onde as feridas podem ser partilhadas sem julgamento e onde a dignidade pode ser restabelecida pela presença, e não por explicações.

O verdadeiro acompanhamento começa pela escuta. É a disponibilidade para caminhar ao lado de outra pessoa, não para a conduzir ou resolver os seus problemas, mas para estar presente, sem pressa, sem exigências e sem se afastar perante o sofrimento. Escutar significa aceitar o silêncio que, por vezes, substitui as palavras, reconhecer que nem sempre é fácil falar da dor e que ser ouvido – ou simplesmente poder existir – sem pressão – é, em si mesmo, uma necessidade humana profunda.

A escuta é também uma competência – que pode ser cultivada com cuidado e de forma intencional. Vai além de ouvir palavras. Exige uma atenção consciente e participativa: pôr de lado o nosso impulso de falar, resistir à vontade de oferecer respostas imediatas e estar verdadeiramente presente. Esta forma de escuta acolhe a história da outra pessoa tal como ela é, sem interrupções, pressão ou julgamento. Devolve o que é ouvido, reconhece as emoções com humildade e afirma a dignidade da pessoa. Mesmo respostas simples como «Parece que está a carregar um grande peso» ou «Percebo como isto tem sido difícil» podem ajudar alguém a sentir-se reconhecido e valorizado.

A escuta ativa não é passiva; envolve a pessoa inteira – mente, coração, corpo e espírito – numa relação de confiança. É através da empatia, expressa de forma verbal e não verbal, que os agentes pastorais podem verdadeiramente sintonizar-se com o que os outros exprimem. O silêncio, quando acolhido com delicadeza, também pode transmitir cuidado mais profundamente do que as palavras. Neste espaço sagrado de escuta, as pessoas podem começar a elaborar as suas experiências, a reencontrar a sua própria força e a sentir-se acompanhadas, em vez de sós.

Nestes contextos, escutar desta forma torna-se um ato discreto, mas poderoso, de resistência ao estigma, à marginalização e ao desespero. Afirma que cada

pessoa é autora da sua própria história, capaz de se restabelecer e de crescer. Para muitas pessoas, ser escutado com empatia e sem julgamento pode ser o primeiro passo para recuperar o sentido, a identidade e a esperança.

Esta abordagem aplica-se não só às pessoas individualmente, mas também às comunidades. A escuta em grupo, o apoio entre pares e as práticas de raiz cultural, quando proporcionados com respeito e a devida adaptação, podem favorecer a recuperação coletiva. Seja através de voluntários com formação, de grupos de ajuda mútua ou de tradições locais, o mais importante é criar espaços seguros e acolhedores onde as pessoas se sintam ouvidas, aceitas e apoiadas na procura do seu próprio caminho.

Quando os profissionais humanitários, os agentes pastorais, os religiosos e os leigos escutam desta forma, tornam-se uma presença viva de compaixão. O acompanhamento através da escuta lança sementes de confiança, resiliência e esperança – mesmo quando não existe uma solução imediata. Ao escutar com fidelidade, a Igreja percorre o longo caminho da cura de mãos dadas com aqueles que sofrem.

3 Reforçar os vínculos comunitários e o sentimento de pertença

A comunidade dá expressão concreta ao sentimento de pertença. Encontra-se nas pessoas que nos conhecem, nos lugares familiares e nas práticas comuns, bem como nos ritmos quotidianos através dos quais partilhamos a vida. Nas crises humanitárias, esta vida em comum pode, também ela, ser ferida. A violência, a deslocação, a pobreza, a escassez e a instabilidade prolongada podem separar as pessoas, minar a confiança e pôr à prova até os vínculos de cuidado mais antigos. O tecido social pode fragilizar-se precisamente quando as pessoas mais dependem umas das outras. Por isso, o cuidado pastoral inclui cuidar da própria vida da comunidade, sustentando e renovando os vínculos através dos quais as pessoas continuam a sentir que pertencem e a partilhar a vida.

O acompanhamento pastoral cultiva esta vida comunitária através do encontro, da oração, do trabalho partilhado, da continuidade cultural, da hospitalidade e do cuidado mútuo. À volta de uma refeição, na oração e no culto, através da música e da partilha de histórias, nas celebrações ou nas brincadeiras das crianças, a vida quotidiana continua a ser partilhada. Nestes encontros, as pessoas podem voltar a sentir-se vistas, chamadas pelo nome e lembradas. Nestas formas quotidianas de vida partilhada, o sentimento de pertença torna-se tangível.

Por esta razão, cuidar da vida comunitária também faz parte do cuidado com a saúde mental. Quando as pessoas podem manter a ligação a práticas, responsabilidades e formas de participação que lhes são familiares, preserva-se alguma continuidade da vida, mesmo sob grande pressão. Quando o medo, a perda, a deslocação ou o isolamento perturbam esta vida em comum, renová-la pode fazer parte do processo de cura. O que importa não é apenas que a comunidade ofereça apoio às pessoas, mas que elas continuem a fazer parte de uma vida partilhada com os outros.

O cuidado pastoral reforça estes vínculos ao caminhar com as pessoas enquanto elas preservam e reconstróem a vida comunitária. Este cuidado reconhece cada pessoa como protagonista desta vida partilhada. Cada pessoa tem nela um lugar, com os seus dons, histórias, feridas e esperanças. Os gestos de hospitalidade, a oração partilhada e a solidariedade podem renovar os fios da vida

desgastados pelo medo e pelo isolamento. Por vezes, estes gestos são visíveis; noutras ocasiões, encontram-se em atos discretos, na presença paciente ou na familiaridade silenciosa de voltar a estar juntos.

A Igreja é chamada a ser uma comunidade de pertença, uma casa onde todos são acolhidos com dignidade.

Nesta vida em comum, as pessoas não recebem apenas apoio; continuam a poder assumir responsabilidade pelo que partilham e a responder em conjunto quando isso é ameaçado. Por isso, reforçar estes vínculos não é uma dimensão facultativa do cuidado com a saúde mental. Ao reconstruir a vida comunitária, a Igreja dá testemunho de que, mesmo quando tanto se perdeu, o espírito humano pode encontrar formas de pertencer, confiar e recomeçar.

4 O bem-estar mental assenta nas relações

O sentimento de pertença à comunidade vive-se através das relações, e é cuidando destes vínculos que a cura se torna possível em contextos humanitários. Os vínculos relacionais não são secundários em relação à sobrevivência; são, muitas vezes, a própria condição que a torna possível. A qualidade da presença humana – as formas como nos acompanhamos, perdoamos, protegemos e amparamos mutuamente – desempenha um papel decisivo na proteção da saúde mental e no restabelecimento do bem-estar mental. Nas relações marcadas por esta presença, as pessoas podem encontrar proteção e recuperação – ajuda para dar sentido à sua dor e uma presença que lhes serve de amparo contra o desespero.

Nos períodos mais sombrios da história humana, foi a força dos vínculos relacionais que sustentou as pessoas perante o desespero. Em lugares de sofrimento extremo – entre aqueles que suportaram os horrores da guerra, da deslocação, do cativeiro e da tortura – a relação pessoal com Deus, a presença de alguém de confiança, a memória de um ente querido ou o simples facto de ser visto e acompanhado fizeram, muitas vezes, a diferença na preservação do sentido da própria humanidade em condições profundamente desumanizantes. Sobreviventes de uma violência inimaginável testemunharam que o que os manteve vivos não foi apenas a resistência física, mas o fio delicado e, no entanto, indestrutível da ligação aos outros: uma mão segurada, uma palavra partilhada, um pacto silencioso de solidariedade.

Entre as crianças arrancadas às suas famílias e forçadas a participar na violência, foi a reconstrução dos vínculos de pertença – o acolhimento por uma nova comunidade, o abraço da confiança – que lhes permitiu reencontrar o seu lugar na vida. Entre as pessoas deslocadas e os refugiados, aqueles que são acolhidos em redes de cuidado e solidariedade recuperam com maior resiliência do que os que permanecem isolados, por muito apoio material que recebam.

Este apelo ao cuidado exige também confrontar as narrativas culturais que transformam a forma como o bem-estar é entendido e procurado. A preocupação com o bem-estar pessoal pode desligar-se da prosperidade da família humana no seu conjunto, acentuando a separação entre as pessoas e a comu-

nidade humana⁷. Quando o bem-estar é definido como conforto ou ausência de sofrimento, as pessoas podem tornar-se indiferentes à dor dos outros – e até às suas próprias necessidades mais profundas de ligação e de sentido. No entanto, os seres humanos não podem conhecer-se plenamente sem o encontro com os outros, porque «a vida existe onde há vínculo, comunhão, fraternidade»⁸. A abordagem pastoral aqui proposta afirma que o verdadeiro bem-estar mental não consiste apenas em evitar o desconforto, mas em redescobrir a capacidade humana de acompanhar, de chorar e de encontrar a cura em conjunto.

O bem-estar mental não se desenvolve apenas no interior de cada pessoa, mas também nos espaços relacionais entre as pessoas. É sustentado pelo encontro sagrado em que a vulnerabilidade é acolhida com ternura, em que as feridas são respeitadas em vez de escondidas, em que a presença fiel contraria o abandono. As relações tornam-se um meio de cura precisamente quando são constantes, humildes e atentas ao outro. Cristo mostra o significado desta presença. Preferia curar «não à distância, mas na proximidade», aproximando-se com compaixão e amor terno.⁹

O cuidado pastoral é chamado tanto a acompanhar as pessoas como a promover estes espaços relacionais de vida. Significa reconhecer em cada pessoa a capacidade de acompanhar e de ser acompanhada e cultivar ambientes onde a dignidade de cada um seja afirmada através de vínculos de solidariedade, paciência e pertença mútua. Nestas dinâmicas relacionais, a Igreja é um testemunho vivo, um sinal de que, mesmo quando o mundo se desmorona, o amor continua a ser possível e pode nascer uma vida nova.

⁷ Cfr. Francisco, Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (3 de outubro de 2020), 31.

⁸ *Ibid.*, 87.

⁹ Cf. Francisco, Carta Encíclica *Dilexit Nos* (24 de outubro de 2024), 36.

5 Reconstruir o sentido e cultivar a esperança

Nos vínculos comunitários e nas relações de confiança, as pessoas procuram também dar sentido ao que viveram e encontrar razões para ter esperança. As crises ferem o corpo e as emoções, põem à prova o bem-estar espiritual e abalam os referenciais interiores através dos quais as pessoas e as comunidades se compreendem a si mesmas, interpretam o sofrimento e perspetivam o seu futuro. A violência, a deslocação e a instabilidade prolongada podem comprometer profundamente a coerência da vida, deixando marcas profundas de desorientação existencial.

O ser humano precisa de um horizonte de sentido. Quando este horizonte se obscurece, o vazio interior, o isolamento e o desespero podem agravar-se. Quando as pessoas descobrem que a sua vida tem valor, que são amadas e esperadas e que continuam a ter um lugar e uma vocação no mundo, nasce a esperança. A esperança não é uma ilusão ingénua, mas «uma força espiritual que sustenta a vida, mesmo nos momentos mais difíceis».¹⁰

Nestes contextos, o cuidado presta especial atenção ao trabalho de reconstruir o sentido a partir do que foi quebrado. Este trabalho assenta na dignidade irredutível da pessoa humana. O que aconteceu a alguém, por mais devastador que tenha sido, não pode apagar essa dignidade, reduzir a pessoa a essa experiência ou determinar o que a sua vida ainda poderá vir a ser. Nesta procura de sentido, os fragmentos de experiências dolorosas podem transformar-se em fontes de profunda inspiração e de um propósito renovado.

Sobreviventes da guerra e da deslocação têm dado testemunho desta possibilidade, transformando os seus momentos mais sombrios em testemunhos de resiliência – tornando-se defensores dos direitos humanos, líderes comunitários, pessoas dedicadas ao cuidado e educadores que encarnam a compaixão precisamente porque conheceram um sofrimento profundo. As suas vidas mostram que o sentido pode emergir da dor, não por a ignorar ou diminuir, mas porque o que aconteceu não tem a última palavra.

¹⁰ Leão XIV, Discurso aos participantes na Conferência Internacional «Mapas de esperança para uma agenda educativa regional: Saúde mental, tecnologias digitais e educação», 30 de maio de 2026.

As crises ferem também as identidades através das quais as pessoas se reconhecem. Muitas circunstâncias podem dar origem a esta experiência. Os refugiados e as pessoas deslocadas, por exemplo, carregam frequentemente o peso invisível da perda das suas línguas, da interrupção de práticas culturais e religiosas e da rutura dos vínculos com as terras dos seus antepassados. Para eles, reconstruir o sentido está profundamente ligado à recuperação e à reafirmação da identidade. Preservar as línguas tradicionais, manter os rituais culturais no exílio e transmitir as histórias familiares e comunitárias entre gerações tornam-se atos profundos de resistência ao apagamento da identidade. Assim, a identidade torna-se não apenas algo que se preserva, mas algo que se restabelece com coragem – recorrendo ao passado e incorporando também as novas experiências de deslocação e sobrevivência. Neste trabalho, o cuidado pastoral oferece uma presença constante que ajuda as pessoas a recordar quem são e a confiar que algo de novo ainda pode começar.

O acompanhamento espiritual ocupa um lugar particular nesta procura de sentido e de esperança. Oferecido com respeito pelas crenças de cada pessoa, ou pela sua ausência, abre espaço a questões sobre o sentido e o valor da vida, fortalece a fé onde ela está presente, oferece consolo existencial perante a destruição e acompanha as pessoas na procura de integrar experiências que as levaram ao limite do que podiam suportar. Nunca deve apressar-se a explicar o sofrimento ou a atribuí-lo superficialmente à «vontade de Deus» ou a um plano misterioso, pois isso pode minimizar a dor, silenciá-la e ferir ainda mais as pessoas. Quando Deus parece ausente, o cuidado pastoral pode ajudar a pessoa a encontrar palavras para a oração e a manter a confiança num Deus que não deseja o sofrimento, mas permanece próximo de quem sofre e partilha o peso da sua dor.¹¹ A esperança cristã permite às pessoas regressar aos lugares feridos das suas vidas e vê-los de novo como lugares a partir dos quais a vida pode continuar.¹² A Igreja é portadora desta esperança como um dom recebido, nunca como um otimismo imposto a quem sofre. Mesmo perante o que ainda não pode ser reparado ou compreendido, a vida permanece em aberto.

¹¹ Cf. Leão XIV, «Diálogo do Santo Padre com os jovens», Vigília de oração no Estádio Olímpico «Lluís Companys», Barcelona, 9 de junho de 2026.

¹² Cf. Cardeal Pierbattista Pizzaballa, «Regressaram a Jerusalém com grande alegria»: Uma proposta para viver a vocação da Igreja na Terra Santa, Carta à Diocese, 25 de abril de 2026.

6 Reconhecer e cultivar a resiliência

Depois de refletirmos sobre a forma como o sentido e a esperança se reconstroem lentamente após uma crise, importa agora reconhecer a resiliência que as pessoas e as comunidades já possuem e exprimem de muitas formas diferentes. Esta resiliência, embora muitas vezes silenciosa e discreta, manifesta-se na forma como as pessoas resistem à violência, atravessam a perda e enfrentam as forças que ameaçam destruir a vida, a dignidade e a esperança. Está profundamente ligada à capacidade de decisão e ação do ser humano – a capacidade intrínseca das pessoas e das comunidades para fazer escolhas significativas, agir e moldar ativamente as suas próprias vidas, mesmo perante enormes limitações. A resiliência não é algo que se traz de fora. É uma capacidade dinâmica – que pode ser reconhecida, afirmada e cultivada. Ao mesmo tempo, nunca existe isoladamente – a forma como se manifesta depende das relações, das circunstâncias e dos recursos pessoais e comunitários disponíveis. A recuperação não decorre ao mesmo ritmo para todos e, para muitos, continua a ser um caminho longo e difícil.

A resiliência é mais do que a simples capacidade de resistir, embora a resistência seja, em si mesma, uma expressão profunda dessa resiliência. É a profunda capacidade humana de se adaptar criativamente à adversidade, de encontrar e criar sentido no meio do caos e até de transformar experiências de sofrimento profundo em fontes de força e compaixão. Os participantes nas consultas ilustraram de forma expressiva esta capacidade – desde grupos informais de apoio à recuperação de rituais culturais e religiosos, desde o cuidado coletivo a adaptações criativas dos meios de subsistência e das rotinas diárias. Com efeito, numa crise, mesmo quando o sofrimento não é uma escolha, a capacidade humana fundamental de escolher – amar, acreditar, rezar, ter esperança, restabelecer laços e reconstruir – permanece ativa e vital.

Reconhecer a resiliência como um processo dinâmico desloca a atenção do que está quebrado ou em falta para o que já constitui uma força e um potencial de transformação nas pessoas e nas comunidades. Este reconhecimento faz parte do cuidado com a saúde mental, tornando visíveis as capacidades, as relações e as fontes de apoio através das quais as pessoas continuam a cuidar, a agir,

a adaptar-se e a participar na vida. Muitas vezes, surgem mecanismos locais e criativos para lidar com a adversidade em resposta direta às dificuldades – adaptações singulares que os observadores externos podem facilmente não notar ou subvalorizar. Por isso, o papel dos agentes pastorais não é impor soluções externas, mas escutar em profundidade e cultivar estas fontes intrínsecas de força. Não são chamados a «dar» resiliência, mas a reconhecer e afirmar o que já está presente, criando espaços onde a capacidade de decisão e ação das pessoas possa ser valorizada, em vez de substituída.

A forma como os agentes pastorais veem as pessoas afetadas pelas crises influencia profundamente a forma como estas se veem a si mesmas. Quando são vistas sobretudo como vítimas, torna-se mais difícil reconhecerem-se como capazes. Quando são vistas à luz das suas possibilidades, da sua capacidade de decisão e ação e da sua dignidade, é mais provável que recuperem e ajam a partir dessas mesmas qualidades. Neste sentido, reforçar a resiliência nunca é um processo passivo. Exige uma ética relacional que amplie as oportunidades de decisão a nível local, de apoio mútuo e de liderança comunitária.

Em última análise, acompanhar a resiliência é reconhecer a profunda capacidade humana de reorientar a própria vida após uma profunda rutura. O cuidado pastoral dá o seu contributo mais significativo quando ajuda as pessoas a reconhecer a sua própria força, a organizar os passos seguintes e a manter a ligação ao que dá coerência e propósito às suas vidas.

7 Cuidar com conhecimento e discernimento

O acompanhamento pastoral assenta na presença, na relação e na atenção à pessoa na sua totalidade. No domínio da saúde mental, estas dimensões devem ser acompanhadas de conhecimento e discernimento. A complexidade dos desafios de saúde mental – sobretudo em contextos de violência, insegurança crónica e exclusão social – exige respostas simultaneamente relacionais e informadas. Por isso, o cuidado pastoral deve apoiar-se no conhecimento científico consolidado e nas boas práticas em saúde mental, em diálogo com os saberes, a experiência e as formas de cuidado já presentes na vida pastoral. Este diálogo pode aprofundar a compreensão da saúde mental e do sofrimento, reforçar a qualidade e a segurança dos cuidados prestados e orientar a formação de quem acompanha pessoas, famílias e comunidades.

Cuidar com conhecimento pressupõe uma formação intencional de quem apoia os outros: agentes pastorais, líderes leigos, voluntários e cuidadores da comunidade. Esta formação assenta em capacidades já profundamente enraizadas na prática pastoral. Escutar, construir relações, permanecer próximo, prestar apoio prático e oferecer acompanhamento espiritual não são técnicas externas a introduzir na vida pastoral. A formação pode aprofundar estas capacidades e, ao mesmo tempo, desenvolver novos conhecimentos e competências para compreender de que forma a adversidade pode afetar a saúde mental, reconhecer vulnerabilidades e fontes de apoio e responder ao sofrimento de forma segura e atenta à pessoa e ao seu contexto.

Cuidar com conhecimento exige também reconhecer os limites do cuidado pastoral e das próprias competências. Algumas situações exigem uma avaliação profissional ou cuidados especializados de saúde mental, sobretudo quando a pessoa apresenta sofrimento psíquico persistente ou agudo – como incapacidade para realizar as atividades quotidianas, sinais de perda de contacto com a realidade, ideação suicida, risco de causar dano a si própria ou a terceiros ou dependência significativa de substâncias. Reconhecer quando estes cuidados adicionais são necessários e ajudar a pessoa a aceder-lhes faz parte de um acompanhamento pastoral responsável.

A referenciação faz parte de um acompanhamento responsável. As comunidades pastorais devem saber onde encontrar apoio profissional adequado e cultivar relações de confiança com quem o presta antes de surgirem situações de necessidade urgente. Quando a referenciação se torna necessária, deve ser feita com clareza, sensibilidade e respeito pela dignidade e pela capacidade de decisão e ação da pessoa, através de um diálogo que evite agravar o estigma ou o medo. Desta forma, a pessoa pode ter acesso a cuidados que vão além do que os próprios agentes pastorais podem oferecer, sem ficar sozinha na sua procura. Após a referenciação, o acompanhamento pastoral não termina – transforma-se. A Igreja continua a ser um espaço de amparo espiritual e de confiança nas relações. A continuidade da presença, seja através de conversas de acompanhamento, de bênçãos, da oração ou de apoio prático às famílias, reafirma que ninguém é esquecido. Desta forma, o cuidado oferecido não é apenas imediato, mas duradouro.

8 Acompanhar pessoas com problemas graves de saúde mental e as suas famílias

Em todas as comunidades, há pessoas com problemas de saúde mental ou doenças neurológicas cujos efeitos, em determinados momentos ou durante períodos mais longos, podem afetar profundamente a vida quotidiana. As rotinas diárias, as relações, a comunicação, o trabalho e a participação na vida familiar e comunitária podem tornar-se difíceis de manter, e a pessoa pode precisar de um apoio significativo e continuado. Em contextos humanitários, os acontecimentos e as perdas que as pessoas vivem podem, por si só, contribuir para dificuldades graves de saúde mental ou agravar as já existentes. Ao mesmo tempo, as ruturas nas relações, nas rotinas habituais e nos serviços podem enfraquecer precisamente os apoios com que as pessoas e as famílias habitualmente contam.

Um problema desta natureza não define a totalidade da vida de uma pessoa nem exclui a possibilidade de relações significativas, de participação e de uma vida com propósito. Com cuidados e apoio adequados, muitas pessoas vivem bem com estes problemas e continuam a participar nas rotinas, nas relações e nas atividades do dia-a-dia. Pode também haver períodos em que a vida se torna muito mais difícil, por vezes durante muito tempo. O peso pode ser imenso para a pessoa e perturbar profundamente a vida familiar e relacional. Quem cuida dela e permanece próximo pode também assumir responsabilidades exigentes durante longos períodos. O acompanhamento pastoral é especialmente importante nestes momentos, permanecendo próximo quando o peso é grande e estando preparado para acompanhar um percurso que pode ser longo e mudar ao longo do tempo.

As pessoas com problemas graves de saúde mental ou doenças neurológicas e as suas famílias podem também enfrentar dificuldades que permanecem, em grande medida, invisíveis à comunidade em geral. O estigma e o medo continuam a ser generalizados e podem dificultar a possibilidade de falar abertamente, procurar apoio ou continuar a participar na vida quotidiana da comunidade. As pessoas podem ser discretamente excluídas da educação, do trabalho, do culto ou da vida social partilhada – nem sempre por rejeição deliberada, mas, por vezes, por medo ou incerteza sobre como responder quando as necessida-

des, a comunicação ou o comportamento de uma pessoa são difíceis de compreender. As famílias podem também ficar isoladas, sentindo que cada vez menos pessoas permanecem próximas à medida que a situação se torna mais difícil de compreender e as relações mais difíceis de manter.

Com o tempo, o cuidado pode passar a ocupar uma parte significativa do quotidiano familiar, exigindo atenção, decisões e adaptações que os outros raramente veem. Os cuidadores podem também sentir-se isolados, sem saber a quem recorrer ou se alguém compreende plenamente o que estão a viver. A pessoa de quem cuidam pode também, por vezes, ter dificuldade em expressar aquilo de que precisa ou em manter a ligação aos outros. Mesmo nas relações mais próximas, as pessoas podem ter dificuldade em chegar umas às outras, acrescentando outra forma de solidão ao peso que já carregam.

Nestes contextos, o acompanhamento pastoral pode oferecer uma relação humana estável, assente na confiança, na compaixão e na disponibilidade para permanecer. Significa manter ativamente a proximidade com a pessoa e com quem cuida dela, procurar a relação e escutar com atenção, respeitando a dignidade e a experiência da pessoa. Exige também ajudar a pessoa a continuar a participar ativamente na vida pastoral da comunidade, de acordo com a sua vontade e com o apoio de que possa precisar, tomando parte na oração, nas atividades, no serviço e nas decisões, bem como no cuidado que os membros da comunidade prestam uns aos outros. Este acompanhamento pode prolongar-se ao longo de um percurso longo e imprevisível, ajudando a garantir que, mesmo nos períodos mais difíceis, a pessoa mantém os seus vínculos, participa e continua a fazer plenamente parte da comunidade.

9 Promover o apoio mútuo entre cuidadores

Em contextos humanitários, os bispos, sacerdotes, religiosos e agentes pastoraes que se dedicam ao acompanhamento diário dos outros vivem na mesma tempestade que as pessoas que servem. Não são imunes e podem, também eles, estar a viver as mesmas perdas, os mesmos medos, a mesma incerteza e as mesmas ruturas, mesmo enquanto continuam a cuidar.

O seu trabalho é profundamente exigente e, com o tempo, acumulam-se os seus fardos silenciosos e invisíveis – a exaustão emocional de testemunhar um sofrimento imenso, a fadiga por compaixão resultante de inúmeras histórias dolorosas, o cansaço físico provocado pelas exigências incessantes do acompanhamento. Para aqueles cuja vida e serviço estão enraizados na fé, pode também haver um profundo cansaço espiritual ao carregar questões para as quais não é fácil encontrar resposta – por que razão o sofrimento continua, onde está a justiça e como permanecer diante de Deus quando encontrar a sua presença pode ser dolorosamente difícil.¹³ E, quando as crises se prolongam e há pouco espaço para descansar ou receber apoio, os cuidadores podem encontrar-se progressivamente sós – acreditando que as suas necessidades são insignificantes em comparação com as de quem apoiam ou que reconhecer a própria vulnerabilidade comprometeria, de algum modo, o seu papel ou a sua fidelidade à missão. Por detrás desta postura de entrega aparentemente abnegada, esconde-se um perigo relacional – a criação silenciosa de dinâmicas verticais de cuidado. Quase sem se aperceberem, os cuidadores podem começar a assumir que o seu cuidado segue apenas numa direção: «Estou aqui para ajudar e servir. Os outros precisam de mim.» Se não for questionada, esta ideia cristaliza-se num padrão – sempre quem dá, nunca quem recebe, sempre quem oferece, nunca quem precisa. Esta postura pode parecer nobre de início, mas torna-se isoladora, insustentável e espiritualmente incompleta, podendo tornar as feridas do próprio cuidador cada vez mais invisíveis. Com efeito, o cansaço e o esgotamento não resultam apenas da carga de trabalho, mas também da distância que pode crescer quando um cuidador sente:

¹³ Cf. Francisco, Carta Encíclica *Dilexit Nos*, 45; Mc 14,33–34; 15,34.

«Tenho de ser forte, porque os outros sofrem mais». E quanto mais alguém se envolve no sofrimento dos outros, mais difícil se torna reconhecer, nomear ou curar as próprias feridas, até que o peso suportado a sós se agrava e dá lugar à exaustão, à perda de esperança e até a um sentimento de fracasso.

Esta dinâmica relacional precisa de ser questionada e transformada. A recuperação e a sustentabilidade do cuidado dependem de um movimento deliberado de passagem de relações verticais para relações de cuidado mais horizontais, fraternas e recíprocas. Este movimento começa com um reconhecimento libertador. Também nós carregamos feridas e limitações. Reconhecê-las não nos torna menos aptos. Permite-nos ser honestos quanto à nossa própria humanidade, deixar que os outros nos vejam e encontrar-nos com eles de forma mais verdadeira no seu sofrimento. Aceitar esta vulnerabilidade pode aprofundar a ligação e a compaixão e conduzir-nos a uma verdadeira comunhão.

Esta vulnerabilidade não é motivo de vergonha. É um ato de coragem – e pode transformar as comunidades, sobretudo onde o estigma associado à saúde mental é forte. Quando os cuidadores permitem que a sua própria vulnerabilidade faça parte da forma como vivem e acompanham os outros, em vez de ser algo que têm de esconder, questionam a expectativa de que quem lidera deve parecer sempre forte ou alheio ao sofrimento. As suas vidas podem testemunhar que o sofrimento psíquico, os limites e a necessidade de cuidado não diminuem a dignidade nem a vocação. Ao permitirem que os outros os vejam e cuidem deles, abrem também espaço para relações mais humanas, recíprocas e capazes de acolher a vulnerabilidade que todos partilhamos.

O apoio mútuo cresce onde os cuidadores podem permanecer plenamente humanos no exercício do seu serviço, sem terem de esconder o peso que carregam ou de o suportar sozinhos. Estes espaços podem tornar-se lugares onde os fardos são partilhados, o luto é acolhido em comunidade, a alegria é celebrada em conjunto e a fé é reavivada pelo calor da presença humana. Isto não pode depender apenas dos cuidadores. As paróquias, dioceses, congregações religiosas e outras instituições têm a responsabilidade de promover condições que protejam, apoiem e favoreçam a saúde mental e o bem-estar de quem nelas serve.

Que esta visão inspire as comunidades pastorais em toda a parte, tanto no cuidado que oferecem aos cuidadores como no testemunho profético que dão a um mundo ferido, mas esperançoso. Que as nossas comunidades sejam lugares onde a vulnerabilidade é respeitada, onde o cansaço é acolhido com compaixão, onde o apoio mútuo rompe o isolamento e onde cada cuidador é verdadeiramente conhecido, genuinamente amado e profundamente acompanhado.

CONCLUSÕES

Ao longo desta reflexão, escutámos vozes de contextos humanitários de todo o mundo – vozes que falam a partir do coração da crise, mas também das fontes profundas da fé, da resiliência e do amor. As suas experiências recordaram-nos que a saúde mental não é uma preocupação secundária, mas uma expressão vital da humanidade que partilhamos. Por isso, cuidar da saúde mental é entrar num espaço profundamente humano, onde a Igreja é chamada a estar presente, atenta e humilde.

Vimos que a saúde mental se vive nas relações, na confiança reconstruída, nas comunidades que recordam, incluem e defendem a dignidade. Encontra-se nos atos silenciosos de acompanhamento, no sentido partilhado que se recupera após a perda, nos vínculos de cuidado mútuo e no trabalho lento de restabelecer o sentimento de pertença onde houve rutura. No centro desta compreensão está a pessoa humana, cuja dignidade vem de Deus e não depende da saúde, da força, da autonomia ou da ausência de sofrimento. Nenhuma ferida, perda ou problema de saúde mental esgota aquilo que uma pessoa é. O acompanhamento pastoral parte desta convicção. Aproxima-se sem tomar o lugar da pessoa, reconhecendo que, mesmo na vulnerabilidade e na dependência, cada um continua a ser capaz de receber e de dar, de falar e de responder, de pertencer e de contribuir. A esperança cristã não apaga as feridas, não considera o sofrimento um bem nem exige otimismo; sustenta a Igreja na sua presença perante o que ainda não pode ser reparado ou compreendido, na confiança de que a vida permanece em aberto e de que o sofrimento não tem a última palavra. Na comunidade de fé, estas relações de cuidado mútuo tornam-se também lugares de encontro com a presença de Deus – «Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mateus 18,20).

Ao olharmos para o futuro, recordemos que não estamos sozinhos nesta missão. Percorremos este caminho juntos – como comunidades de fé e como pessoas que também carregam feridas e limitações, chamadas a fazer da compaixão não uma teoria, mas uma prática quotidiana. Que este Guia não seja uma palavra final, mas um começo: uma base partilhada a partir da qual a Igreja, nas suas muitas expressões locais, possa continuar a discernir como o cuidado e a esperança podem ganhar forma concreta

nas diferentes realidades humanitárias. Que nos ajude a acompanhar com sabedoria e ternura e a tornarmo-nos sinais de esperança num mundo ferido.

Sigamos em frente com delicadeza, convicção e fraternidade, sabendo que, onde quer que haja sofrimento, permanece a possibilidade de encontro, de cura e de comunhão.

DESIGN GRÁFICO: Francesco Apicella
TIPOGRAFIA VATICANA

Promovido por:



Em colaboração com:

